

TRADUÇÃO

A HISTORIOGRAFIA

(CÍCERO. DO ORADOR 2.51-64)

ADRIANO SCATOLIN¹

Universidade de São Paulo

– [51] Pois bem – perguntou Antônio –, você considera que a escrita da história cabe a um orador de que espécie e a um homem de que valor no âmbito do discurso?²

– Se fala da escrita tal como praticada pelos gregos, ao maior – respondeu Cátulo. – Se à maneira dos nossos conterrâneos, não há necessidade alguma de um orador: basta não ser mentiroso.³

– E contudo – replicou Antônio –, para que você não despreze os nossos conterrâneos, os próprios gregos, de início, também costumavam escrever como nosso Catão, como Píctor, como Pisão.⁴ [52] De fato, a história não passava de uma compilação de anais. Com esse objetivo, e para preservar a memória dos eventos públicos, o pontífice máximo, desde o início da história romana até o pontificado de Públio Múcio,⁵ registrava por

¹ Artigo recebido em 9.jun.2014 e aceito para publicação em 7.jul.2014.

² Bolsista da CAPES (2012/2013) – Proc. nº 9121/11-0. Este trabalho vincula-se ao estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Paris-Sorbonne – Paris IV, sob a supervisão de Carlos Lévy.

³ Em *De oratore* 2, 36, Antônio apontara o orador como o único capaz de conferir imortalidade ao gênero histórico: “Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz a confia à eternidade, senão a do orador?” Em *De legibus* 1, 5, o personagem Ático atribui a Cícero a ideia de que o gênero histórico é o gênero oratório por excelência: *opus oratorum maxime*. Cf. também 2, 62, abaixo.

⁴ Referência à enunciação da verdade, uma das “leis da história”, tal como Antônio apontará adiante (2, 63). Veja-se também a famosa Carta a Luceio, *Ad familiares* 5, 12, 3.

⁵ Catão, o Censor (234-149; cônsul em 195, censor em 184), escreveu as *Origens*, obra histórica em 7 livros, de que possuímos fragmentos; Fábio Píctor (séc. III-II), autor de *Anais* em grego (não se sabe se a referência de Cícero seria a uma tradução latina feita pelo próprio autor, a uma tradução de outra autoria, ou ainda a um outro Píctor, de que não se tem notícia em outras fontes); Lúcio Calpúrnio Pisão Frugi (c. 179-8, cônsul em 133, data da morte incerta), autor de *Anais*, de que restam 48 fragmentos (ed. Chassignet). Todas as datas são a.C.

⁶ Públio Múcio Cévola (cônsul em 133; pontífice máximo a partir de 130; morte não posterior a 115), um dos fundadores da jurisprudência romana, citado por Crasso, em *De oratore* 1, 212, como paradigma de jurisconsulto: “Já se investigássemos quem é corretamente denominado

escrito todos os fatos de cada ano, transcrevendo-os numa tábua branca e expondo-a em sua casa, para que o povo tivesse a oportunidade de tomar conhecimento de tais registros – eles que ainda hoje são denominados anais máximos.⁶ [53] Muitos imitaram esse tipo de escrita, deixando, sem qualquer ornamento, apenas os registros de épocas, homens, lugares, feitos. Desse modo, tal como Ferécides, Helânico, Acusilau⁷ e muitos outros, entre os gregos, assim foram o nosso Catão, Píctor e Pisão, que não dominam os meios com que se orna o discurso – esses elementos acabam de ser importados para cá – e, contanto que se entenda o que dizem, consideram que a única virtude do discurso é a brevidade. [54] Elevou-se um pouco acima deles e acrescentou maior grandiloquência à história um excelente varão, amigo íntimo de Crasso, Antípatro;⁸ os demais não eram adornadores, mas apenas narradores dos fatos.

– É como afirma – assentiu Cátulo. – Porém, esse mesmo Célio⁹ não ornou a história com a variedade de lugares, nem aperfeiçoou sua famosa obra com o arranjo das palavras ou um andamento fluente e uniforme do discurso,¹⁰ mas, homem inculto que era e pouco preparado para discursar, burilou-o como pôde; ainda assim, superou, como você afirma, seus antecessores.¹¹

jurisconsulto, eu diria que é aquele que é perito nas leis e nos costumes de que fazem uso os cidadãos privados numa cidade, bem como em responder a consultas, pleitear e acautelar, e mencionaria Sexto Élio, Mânio Manílio, Públio Múcio como pertencentes a esse grupo.”

⁶ Os anais máximos, também denominados por Cícero *annales pontificum maximorum* (“anais dos pontífices máximos”) em *De legibus* 1, 6, eram expostos do lado de fora da Régia, a sede de poder do pontífice máximo, numa tábua ou lousa coberta de gesso (donde sua cor branca), sendo provavelmente repintados anualmente. Públio Múcio Cévola publicou uma compilação dos anais máximos em 80 livros por volta de 125-120.

⁷ Ferécides de Atenas (séc. V), autor de *Historíai*, obra genealógica em 10 livros; Helânico de Mitilene (séc. V), autor de 23 obras de caráter mitográfico, etnográfico e cronológico, de que restam cerca de 200 fragmentos; Acusilau de Argos (fim do séc. VI, começo do séc. V), autor de uma obra intitulada *Genealogíai* ou *Historíai*, em 3 livros.

⁸ Lúcio Célio Antípatro (final do séc. II), autor da *Guerra Púnica*, a primeira monografia histórica latina, em sete livros, de que nos restam 68 fragmentos (ed. Chassignet). Em *Brutus* 102, é caracterizado como um autor magnífico (*luculentus*) para a sua época, bastante versado em direito e professor de Crasso, entre muitos outros. Em *Ad Atticum* 13, 8, Cícero solicita ao amigo Ático que lhe envie o epítome da obra de Antípatro feito por Bruto.

⁹ Trata-se de Célio Antípatro, mencionado por Antônio.

¹⁰ O termo “lugares” (*locorum*), aqui, refere-se possivelmente aos excursos topográficos das obras históricas, pertencendo ao domínio da invenção (cf. Leeman, Pinkster & Nelson 1985 *ad loc.*), embora não se possa descartar a interpretação de “lugares-comuns” defendida por Ellendt e Wilkins – daí que preferimos uma solução mais neutra de tradução, ao contrário de May & Wisse (2001: 137), por exemplo, que, em sua tradução (“topographical variety”), restringem-se à primeira interpretação; “arranjo das palavras” (*verborum conlocatione*) e “andamento fluente e uniforme do discurso” (*tractu orationis levi et aequabili*) concernem à elocução.

¹¹ Também em *De legibus* 1, 6, o personagem Ático coloca Célio Antípatro acima de seus antecedentes no gênero histórico, acrescentando a observação de que os sucessores do historiador, apesar de seu exemplo, ter-se-iam voltado para a escrita descuidada dos antigos.

– [55] Não é de forma alguma de admirar – continuou Antônio –, que esse gênero ainda não tenha recebido lustro em nossa língua. De fato, nenhum de nossos conterrâneos dedica-se à eloquência senão para brilhar nas causas e no fórum; já entre os gregos, os homens mais eloquentes, apartados das causas públicas, aplicaram-se ao máximo não só aos demais gêneros ilustres, mas também à escrita da história.¹² De fato, soube que também o famoso Heródoto,¹³ que foi o primeiro a ornar este gênero, não se ocupava de modo algum de causas. Contudo, tamanha é a sua eloquência, que a mim, ao menos, pelo que sou capaz de compreender das obras escritas em grego, deleita sobremaneira. [56] Depois dele, Tucídides,¹⁴ na minha opinião, superou a todos com sua arte do discurso. De tal forma é denso pela abundância de temas, que chega quase a igualar o número de palavras ao número de pensamentos; de tal forma, além disso, é hábil e sintético em suas palavras, que não se sabe se são os temas que são abrilhantados pelo discurso ou as palavras pelos pensamentos. Contudo, soube que nem mesmo ele, embora tenha se dedicado à política, estava entre os que costumavam advogar causas, e conta-se que teria escrito esses livros depois de seu afastamento da política e, como era costume acontecer aos melhores cidadãos em Atenas, depois de sua condenação ao exílio.¹⁵ [57] Depois dele veio Filisto de Siracusa,¹⁶ que, por sua grande intimidade com o tirano Dionísio, consumiu seu tempo livre escrevendo história e, segundo me parece, imitou sobretudo Tucídides. Depois, provenientes de uma ilustríssima oficina retórica, por assim dizer, Teopompo e Éforo,¹⁷ homens de eminente talento, impelidos por seu mestre Isócrates, dedicaram-se à história. Nunca, absolutamente, ocuparam-se de causas. [58] Por fim, ainda, provenientes da filosofia, em primeiro lugar, Xenofonte,¹⁸ o famoso discípulo de Sócrates, depois

¹² Antônio emprega uma gama de termos ligados à ideia de luz e brilho para caracterizar a elocução que prefere ver no gênero histórico: “lustro” (*inlustrata*), “brilhar” (*eluceat*) e “ilustres” (*inlustris*). Fará o mesmo em 2, 56: “são abrilhantados” (*inlustrantur*).

¹³ Heródoto de Halicarnasso (c. 485-424), autor da célebre *História*, denominado “Pai da História” (*pater historiae*) por Cícero em *De legibus* 1, 5.

¹⁴ Tucídides de Atenas (séc. V, nascimento em c. 460, ano da morte incerto), autor da *História da Guerra do Peloponeso*.

¹⁵ Temos aqui uma possível alusão ao próprio Cícero, que teria em Tucídides um antecedente ilustre de um exílio injusto infligido a um cidadão de bem. Lembre-se que Cícero fora exilado de 58 a 57, e que publicava seu *De oratore* apenas 2 anos depois de seu retorno, em 55.

¹⁶ Filisto de Siracusa (c. 430-356), autor da *História da Sicília*, de que restam 76 fragmentos.

¹⁷ Teopompo de Ceos (séc. IV), autor de um epitome de Heródoto, de uma *História da Grécia* em 12 livros e de uma *História de Filipe* em 48 livros; Éforo de Cime (c. 400-330), autor de *Histórias*, em 30 livros.

¹⁸ Xenofonte de Atenas (c. 430-354), autor da *Anábase*, monografia em 7 livros, e da *História da Grécia*, também em 7 livros.

Calístenes,¹⁹ da comitiva de Alexandre, discípulo de Aristóteles, escreveram história – e este último, por sinal, quase à maneira retórica. O primeiro adotou um tom mais brando e desprovido daquele ímpeto próprio do orador, menos veemente, talvez, mas, pelo menos ao que me parece, mais agradável. O mais jovem de todos eles, Timeu,²⁰ pelo que posso julgar, de longe o mais erudito e o mais abundante pela riqueza de temas e variedade de pensamentos, além de não grosseiro na própria composição das palavras, trouxe grande eloquência à escrita, mas nenhuma experiência no fórum.

[59] Depois de Antônio dizer tais palavras, César observou:

– E então, Cátulo? Onde estão os que afirmam que Antônio não sabe grego? Quantos historiadores citou! Com que conhecimento de causa, com que propriedade tratou de cada um!²¹

Respondeu Cátulo:

– Quem diria! Apesar de me espantar com isso, já estou deixando de admirar o que antes admirava muito mais: que este homem, apesar de desconhecer tais coisas, tivesse tamanha capacidade ao discursar.

– No entanto – redarguiu Antônio –, não é em busca de alguma utilidade para a oratória que costumo ler os livros de tais autores e de alguns outros, mas por prazer, quando tenho tempo livre. [60] “Como assim?”, [perguntarão vocês].²² Tenho de confessar algo, porém: tal como, ao caminhar ao sol, ainda que caminhe por algum outro motivo, acabo ganhando cor naturalmente, do mesmo modo, depois de ler com muita atenção esses livros em minha vila de Miseno²³ – uma vez que em Roma é quase impossível²⁴ –,

¹⁹ Calístenes de Olinto (séc. IV), autor de uma *História da Grécia* em 10 livros, de uma monografia sobre a Terceira Guerra Sagrada e dos *Feitos de Alexandre*.

²⁰ Timeu de Tauromênio (c. 350-260), autor de *Histórias da Sicília*, em 38 livros.

²¹ A questão do conhecimento que Crasso e Antônio tinham da cultura e das letras gregas é importante no *De oratore* e, particularmente, no livro 2, dominado pela figura do segundo. No prefácio deste livro, em 2, 4, Cícero atribui a reputação de pouco conhecimento, no caso de Crasso, ou nenhum, no caso de Antônio, a uma busca deliberada de *dissimulatio scientiae*: “Ora, as coisas se passavam para os dois da seguinte forma: Crasso desejava não tanto que julgassem que não estudara, quanto que desprezava tais estudos, colocando acima dos gregos a prudência de nossos conterrâneos em todo tipo de assunto; Antônio, por outro lado, considerava que seu discurso resultaria mais aceitável a este nosso povo se pensassem que não tinha absolutamente nenhuma instrução. Assim, ambos aparentariam maior seriedade se um parecesse desprezar, o outro, sequer conhecer os gregos.” A *dissimulatio scientiae* de Antônio pode ser observada, nesta passagem sobre a historiografia, em 2, 55; 58 e, particularmente, 60-61.

²² O *quid ergo* do original parece significar uma antecipação de Antônio da estranheza que sua observação teria causado em seus interlocutores. Daí nossa inserção de “perguntarão vocês”, não presente no texto, para maior clareza em português.

²³ Cidade portuária da Baía de Nápoles, a cerca de 5 km de Baias, abrigava diversas vilas pertencentes a romanos abastados, como Mário, Pompeu, César e Luculo. A vila de Antônio viria a pertencer, posteriormente, a seu neto, Marco Antônio, o triúviro.

²⁴ Uma das várias passagens da obra em que Cícero contempla o decoro próprio de homens públicos importantes como Crasso, Antônio e Cévola: o ócio que possibilita a leitura restringe-se à

sinto que, ao tomar contato com eles, meu discurso como que ganha cor. Porém, para não passar a impressão de que meu conhecimento é muito vasto, compreendo, no que concerne aos gregos, apenas o que os próprios escritores pretendiam que fosse compreendido pelas pessoas comuns. [61] Se em algum momento me deparo com esses seus filósofos,²⁵ enganado pelos títulos dos livros, que são quase sempre dados a temas notórios e ilustres – da virtude, da justiça, da honestidade, do prazer –, não compreendo absolutamente uma palavra sequer, de tal forma estão enredados em discussões densas e cerradas. Quanto aos poetas, como se tivessem falado outra língua, não tento sequer chegar perto deles. Divirto-me com aqueles, como disse,²⁶ que escreveram seus feitos ou discursos ou que falam de forma a dar a impressão de que desejavam ser acessíveis a nós, que não somos muito eruditos. [62] Mas torno ao ponto. Vocês percebem que tarefa enorme é a escrita da história para o orador? Talvez a maior, se levarmos em conta a riqueza e a variedade do discurso. No entanto, não a encontro em parte alguma ensinada em separado nos preceitos dos rétores, pois são bastante evidentes. De fato, quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer nada de falso? Em seguida, ousar dizer toda a verdade? Não haver suspeita de favorecimento na escrita? Ou de ressentimento? [63] É evidente que esses alicerces são de conhecimento geral. A edificação propriamente dita, por outro lado, reside nos temas e nas palavras.²⁷ A conformação dos temas demanda a ordem cronológica, a descrição topográfica; exige também, por se tratar de feitos grandiosos e memoráveis, em primeiro lugar, os planos, em seguida, as ações; depois, esperam-se as consequências e que se aponte, acerca dos planos, o que o escritor aprova, bem como que se declare, em relação aos

propriedade de campo de Antônio porque é apenas ali, longe do fórum e do Senado de Roma, que o orador está livre de suas ocupações públicas, que têm sempre prioridade em sua escala de valores.

²⁵ “Seus filósofos” é uma referência jocosa de Antônio aos interesses intelectuais de Cátulo, notório fileleno, e de César.

²⁶ Antônio refere-se ao que dissera anteriormente, em 2, 25: “Agora, quanto ao terceiro ponto que acrescentou, que vocês são do tipo que considera desagradável a vida sem tais estudos, isso não só não me encoraja a discutir, mas até me dissuade. Pois é tal como Caio Lucílio, homem culto e extremamente refinado, costumava dizer: preferia que seus escritos não fossem lidos nem pelos mais incultos, nem pelos mais cultos, porque os primeiros simplesmente não entenderiam, os segundos, talvez até mais do que ele próprio. Escreveu também a esse respeito: “Não cuido que Pérsio me leia” (pois ele era, como sabíamos, talvez o mais douto de todos os romanos), “prefiro que Lélío Décimo o faça” (sabíamos que era um homem honesto e não iletrado, embora não se comparasse a Pérsio). Do mesmo modo, se agora eu tivesse de discutir acerca destes nossos estudos, não gostaria de fazê-lo diante de camponeses, mas muito menos diante de vocês, pois prefiro que meu discurso não seja entendido a que seja criticado.”

²⁷ Nesta metáfora, em que o gênero histórico é assimilado a uma construção, os alicerces (*fundamenta*) constituem o substrato específico do gênero, no caso, a imparcialidade que possibilita a enunciação da verdade; a edificação (*aedificatio*), por sua vez, diz respeito ao aspecto retórico, aqui dividido em invenção (“nos temas”, *in rebus*) e elocução (“nas palavras”, *in verbis*). A invenção é desenvolvida em 2, 63; a elocução, em 2, 64.

feitos, não apenas o que se fez ou se disse, mas também de que modo, e, ao se tratar das conseqüências, que se expliquem todas as causas, sejam elas o acaso, a sabedoria ou a temeridade, e, dos homens em si, não apenas os feitos, mas também acerca da vida e natureza de cada um que se sobressair pela fama e pelo renome. [64] Deve-se buscar uma conformação das palavras e um gênero de discurso amplo e contínuo, que flua uniformemente e com alguma placidez, sem a aspereza própria dos tribunais e sem os aguilhões forenses dos pensamentos a que estamos habituados. Percebem que, de tantos e tamanhos elementos, não há nenhum preceito que se encontre nos manuais dos rétores?²⁸

REFERÊNCIAS

- Iso, J. J., ed. 2002. *Cicéron. Sobre el orador*. Madrid: Gredos.
- Kumaniecki, K. F., ed. 1969. *M. Tulli Ciceronis Scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3 De oratore*. Leipzig: Teubner.
- Leeman, A. D., Pinkster, H. & Nelson, H. L. W. M. 1985. *Tullius Cicero. De oratore libri III Kommentar*, vol. 2. Heidelberg: Carl Winter.
- May, J. M. & Wisse, J., ed. 2001. *Cicero. On the Ideal Orator*. New York & Oxford: Oxford University Press.
- Merklin, H., ed. 2006. *Cicero. Über den Redner*. Stuttgart: Reklam.
- Nüßlein, Th., ed. 2007. *Cicero. Über den Redner*. Düsseldorf: Artemis & Winkler.

²⁸ O tradutor agradece a colaboração e as sugestões de revisão de Marlene Lessa Vergílio Borges. Todas as referências de autores e datas foram tomadas a *Brill's New Pauly*, *The Oxford Classical Dictionary* e *The Oxford Dictionary of the Classical World*.